

A POÉTICA DE RAMON STERGMANN¹ **(FALA NA ABERTURA DO II SEMINÁRIO DE DRAMATURGIA AMAZÔNIDA)**

Walter FREITAS²

walterfreitas1@hotmail.com

Vejo-me frente à necessidade de estabelecer o que considero um princípio de verdade a respeito do poeta e dramaturgo Ramon Stergmann, que tão oportunamente a organização deste encontro decidiu homenagear, concedendo-me a cortesia de ser o porta-voz de seu perfil, do perfil que com tanta dignidade traçou, durante sua permanência entre nós. Talvez estranhem que inicie desse modo a breve e modesta contribuição que tenho a dar, mas eu explico. Necessito ser objetivo a respeito da importância deste grande artista no contexto não só da dramaturgia mas das artes paraenses, como um todo, tendo em vista seus múltiplos talentos e capacidades, mas me sinto envolvido pelos sentimentos que me desperta a lembrança de um de meus mais queridos amigos.

Não considero essencial, talvez não seja nem mesmo necessário, mas gostaria de apontar, por insistente, e já fazendo um parêntesis que se impõe irresistivelmente, o fato de que praticamente qualquer pessoa que conheceu Ramon Stergmann pudesse e possa se desincumbir da tarefa confiada a mim, tal a excelência da pessoa sobre a qual estamos tratando, o que não faz com que me sinta menos honrado por ter merecido este privilégio, mas, ao contrário, até mesmo acentua minha alegria de estar aqui. E também gostaria de, com delicadeza, neste preâmbulo, pedir, àqueles que porventura ainda procurem entender a figura de Ramon Stergmann pelo prisma das dificuldades físicas com as quais ele lutou grande parte de sua vida, que esqueçam. São tão grandes, embora ainda tão desconhecidos, os talentos desse Poeta, que dificilmente qualquer um de nós no uso de sua total integridade consiga caminhar ombro a ombro com ele.

A proximidade e os anos de colaboração mútua se interpõem, insistindo em privilegiar a doce convivência, a afabilidade, os momentos de franca interação, coisas muito pessoais que quase representam uma armadilha quando nos vemos, como antes ressaltai, bambeando sobre essa tênue linha divisória.

Entretanto, tomei a decisão: não se trata de simplesmente louvar a memória de um amigo (morto). Um amigo que, por incrível que possa parecer, ou por mais fantasiosa que seja essa forma de ver e entender os acontecimentos daquele dia – um domingo cuja data nem faço questão

de lembrar – marcou um último encontro e planejou a despedida definitiva. Ele havia sido requisitado para orientar os planos de desenvolvimento da cultura, em um município paraense cuja prefeita acabara de se eleger, e me solicitou que o acompanhasse.

Uma semana antes da viagem, fez questão de agendar um almoço, em sua casa, e me surpreendeu com a presença de uma boa parte de seus colaboradores, sem que eu pudesse atinar com o motivo daquela reunião inesperada. Foi um dia brilhante de alegria, reafirmação de uma amizade fluida e criativa, que nos uniu através e para além do tempo; um dia para se traçar novos planos; um dia em que meu amigo demonstrou mais uma vez seu zelo pela cultura e sua dor pelas perdas culturais que naquele momento o afligiam; um dia em que brindamos à vida; um dia em que ele me honrou e mais uma vez me surpreendeu, fazendo-me sentar à cabeceira de sua mesa; e um dia em que – depois de nos separarmos mais unidos do que nunca e tão confiantes a respeito das coisas boas que se avizinhavam – ele teve de ser conduzido, às pressas e sem retorno, a um hospital.

Talvez não saibam, mas o Poeta lapidara em sua mente e, mais ainda, em seu coração, uma maneira muito peculiar de compreender o fenômeno da cultura. Alguns de nós tivemos esse privilégio: o de acompanhar a formatação de suas ideias, ao longo de muitas décadas de trabalho incessante, durante as quais ele teve a chance de fundir, não de maneira teórica, nem apenas no nível do discurso, mas por meio de uma prática assumida, vivida, vívida, existenciada – se me permitem o neologismo – o homem e o artista, duas condições de vida das quais nunca abriu mão.

E sempre esteve pronto, com sua língua afiada e brilhante, alternando-se de uma maneira muito pessoal entre a seriedade e o bom humor, a discorrer sobre seus pensamentos e partilhar sua alta percepção dos problemas humanos, sua busca voraz pelas soluções mais inesperadas e criativas, mais ousadas e democráticas, com quem quer que o buscase, individual ou coletivamente.

Neste ponto é que se destaca, portanto, a figura do educador singular que Ramon Stergmann foi. Esteve continuamente cercado de pessoas mais jovens, que avidamente procuraram por ele, em cada ponto da caminhada, e dele receberam a atenção mais solidária e o mais completo exemplo de doação que talvez seja possível surpreender, na realidade de nossos dias. Nunca apresentava fórmulas prontas, a quem quer que fosse, nem se preocupava em permanecer aferrado às próprias ideias, por mais assentadas que fossem ou capazes de conduzi-lo a uma condição de superioridade em relação a outrem.

Ao contrário: fazia questão de cotejá-las. Dispensava seu tempo, por mais precioso que lhe parecesse, a entender, discutir e testar as sugestões das pessoas com as quais estivesse em cooperação, no trabalho ou em

suas relações pessoais, valorizando cada movimento, apreendendo cada nova interferência, na maioria das vezes tornando-as úteis e colocando em destaque, de forma criativa e regeneradora, a participação de todos.

Trabalhava no sentido do bem comum, com um denodo que inspirava seus amigos e colaboradores, não permitindo situações dúbias e buscando harmonizar ao máximo o trabalho coletivo, as relações corteses, a entrega individual. Porque, tendo se dedicado tanto à sua arte, à sua obra, aos seus projetos, sabia de longe reconhecer os que estavam aptos a lhe seguir os passos, entender até que ponto e exatamente o que poderiam oferecer de contribuição ao projeto comum e o momento exato em que deveriam alçar seus próprios voos e descobrir seus próprios caminhos.

Vendo-se ante a impossibilidade de descobrir uma forma de conciliar as ideias, os pensamentos, as práticas, as soluções idealizadas individualmente, mais doce ainda se tornava, nas palavras e nas atitudes. Não foram poucas as vezes em que o vi recuar, mesmo sabendo que estava certo, oferecendo a quem decidisse com ele se bater, a chance de verificar, até o último momento, o erro ou acerto de sua posição. Já fica fácil entender que não foi o acaso a transformá-lo na pessoa tão querida que era e no artista tão respeitado que vai seguir sendo no contexto histórico da nossa arte. Além dos dotes privilegiados de criador, em diversos campos artísticos, Ramon sabia distribuir sempre a cada um e a todos, uma palavra de alegria ou consolo, um sorriso de partilha, até mesmo uma lágrima de solidariedade.

Acredito que estejam provadas suas intenções, ainda que nunca verbalizadas, de formar pessoas fazendo uso das possibilidades que o teatro e a poesia para isso oferecem, deixando-se ocupar com um sem número de atores e atrizes iniciantes, em seus vários trabalhos, aquilatando suas possibilidades, tratando de suas limitações, moldando seus talentos, encaminhando-os inclusive aos setores da produção pelos quais mais pendor pudessem demonstrar, de modo a aumentar as chances de sucesso que cada um estivesse a merecer, neste ou naquele ofício.

Sabia admitir, da mesma forma, o fracasso de empreendimentos humanos que algumas vezes tentou em vão fazer desabrochar. Sei bem que, nesses momentos, despedia-se da maioria com um maldisfarçado sentimento de perda: lamentava, no íntimo, quando alguém decidia, fosse por qual motivo fosse, “largar o teatro”, entrar por veredas que, em sua concepção, restringiam a presença da poesia na vida e quiçá reduziam significativamente as possibilidades de entendimento integral da existência humana. Permitam-me ir além e arriscar a certeza de que, nestas horas, nestas despedidas, que não eram unicamente entre o criador e a criatura, entre o mestre e um discípulo arredio, permitam-me a certeza da lágrima sofrida que Ramon Stergmann verteu. No final, ele dizia – e era um hábito seu: “Vai!”

Mas era-lhe doce ver quando novas perspectivas se abriam àqueles que com ele conviviam e trabalhavam. Gostava de dividir seus elencos e suas equipes com outros grupos, incentivando o crescimento, vislumbrando junto com cada qual a amplitude de novos horizontes, torcendo para que tudo desse certo e se alegrando com cada vitória, que sempre tomava igualmente para si. Se necessário, abria mão sem constrangimentos dos serviços de quem quer que fosse, sendo bastante perceber que chegara o momento daquela pessoa galgar novas etapas da caminhada. Talvez não seja exagero considerar que Ramon fizesse de seu grupo e de seu trabalho, uma espécie de vitrine para benefício de outros grupos e diretores que precisassem lançar mão de material humano novo e bem preparado.

Acreditava na cultura como possibilidade de expressão das camadas mais pobres da população. Via no teatro essa válvula preciosa por meio da qual poderia fazer escapar seus anseios, trazer à luz suas necessidades, fazendo uso de um discurso direto e sem retoques. O espaço ideal onde emoldurar uma realidade da qual não se orgulhava, mas para a qual, antes, reivindicava e buscava soluções dignas. Veja-se, no caso de alguma dúvida, a galeria de tipos que criou, aos quais deu vida com sua capacidade própria de interpretar, ou cujos caracteres emprestou a tantos atores e atrizes. Seus personagens desfilam um rosário de martírios que o autor sentiu na própria carne, por certo, que o tornaram sensível, enquanto artista, numa sequência poética e inatacável de admiráveis presenças transplantadas das ruas para a crueza ainda maior da cena.

Ramon Stergmann construiu sem desfalecimentos sua dramaturgia. E o fez com esse material, posso dizer, de primeira qualidade. Transformou a história anônima de sua gente no alicerce de uma construção invejavelmente bem estruturada. Cada um de seus personagens traz o sabor e o cheiro de seu povo, suas dores e mazelas, suas lutas, perdas e vitórias, mas também um incessante retorno ao imaginário, por meio do qual muitas vezes encontra as soluções inalcançáveis na realidade objetiva, e a inesgotável ligação com a esperança, que caracteriza o cotidiano de nossa gente e que marca profundamente, também, todos os escritos do Poeta.

Poucos souberam colocar esta cara, a da gente paraense, com uma exatidão tão pródiga, na cena, sem arremedos nem distorções, sem comedimentos ou exageros e, sobretudo, sem falsos arroubos de exagerado protecionismo a que muitos autores são conduzidos pelo excessivo zelo que as causas sociais facilmente fazem brotar. Ramon não quis escrever sobre heróis. Interessava-se pelo recorte do drama, pela pequena notícia, pelo detalhe quase insignificante que a realidade lhe fornecia. Seu foco era quase microscópico, atento sempre ao desenrolar dos acontecimentos num microuniverso sobre o qual se debruçava com a delicadeza de uma fada. E sempre se fazia acompanhar

de uma ironia marcante, de um humor que suavizava os contrastes agressivos ao mesmo tempo em que fazia ressaltar a tragédia cotidiana para a dimensão de uma grande cena, apta a se fazer completar de poderosas encenações, belas interpretações, a mais bem engendrada carpintaria teatral.

Sua temática tem muito bem estabelecidas preferências pelo cotidiano. Lança-se de cabeça na realidade dos bairros, dessa periferia anônima e criativa, na qual o Poeta viveu sua vida toda, estende-se aos locais mais típicos do interior paraense, passeia por seus problemas, exhibe suas lutas, dá mostras de suas capacidades mais inesperadas, sempre registrando a lida, a força, o vigor, a bem-humorada resistência diante das dificuldades. Sempre trazendo o sabor delicioso da linguagem espontânea, assumindo posições claras frente à ameaça de abandono de suas próprias riquezas. Voltando-se da forma mais desprendida para uma parte da população que o Poeta sabia muito bem estar entregue à própria sorte.

E ao se debruçar sobre o que estamos tratando como um universo particular, um universo perdido para a grandeza da história, a história que vive de grandes saltos e às vezes da bravata de uns poucos eleitos, ele o faz com a destreza do artesão, com a clarividência do mestre. Pinta-o invariavelmente com as cores da poesia, dá-lhe os contornos de um grande acontecimento, criando, dessa forma, a contestação e o questionamento a respeito do que seja verdadeiramente a história de um povo.

Tudo isso sempre o credenciou a ser esta espécie de guia que findou sendo para um não reduzido número de artistas, entre os quais me incluo, com a honra de reconhecer que tive como primeiro mestre, em teatro, alguém que felizmente carregava consigo a principal característica de um verdadeiro mestre, que é o não ser reconhecido como tal, pela maioria das pessoas.

E um dos movimentos mais precisos, preciosos e significativos que o Poeta realizou, no sentido de clarificar suas ideias de democracia cultural, foi exatamente levar da periferia para o centro um grupo de teatro formado por ele com a ajuda de tímidos moleques, se me permitem falar assim, aos quais havia estendido a chance real de trabalhar seu talento e suas possibilidades de realização individual por meio da incorporação positiva em um trabalho de equipe.

Com isso, inclusive, Ramon reverteu a lógica no mínimo discutível do movimento centro-periferia e a então muito bem-vinda, apreciada e reproduzida poesia do “artista tem de ir aonde o povo está”. Isto feito, o Poeta tratou de sempre se manter, e ao seu grupo, num movimento de permanente retorno aos locais de onde sacou um sem número de artistas, hoje, francamente envolvidas e envolvidos com sua arte, e de transformar este grupo num daqueles que se perenizaram em atividade

na arte paraense, através de um incansável trabalho de criação e produção teatral.

Fundado ainda na década de 70, o Grupo Maromba, que nos primeiros anos se chamou Grupo de Teatro Amador de Belém e era conhecido pela sigla Grutabe, resistiu este tempo todo, junto com seu criador, e deve ainda permanecer em atividade por muito tempo, através daqueles que herdaram sua herança cultural. Aos poucos, o Grupo e o Poeta tornaram-se como que uma mesma entidade e se firmaram juntos na cena teatral paraense, fazendo frente às intempéries devastadoras que ciclicamente se abatem sobre a arte sofrida que ele elegeu como sua principal tarefa.

Junto com o Maromba, o Poeta suportou os solavancos dessa realidade repetida, desde a falta de espaços adequados para o trabalho de encenação até a difícil, árdua necessidade de manter viva uma memória que se perde a cada instante, malbarateada pela falta de interesse público, ameaçada pela ausência de políticas culturais quase óbvias, diminuída pela nossa incipiente capacidade de enfrentar juntos, enquanto categoria artística, as dificuldades que muitas vezes preferimos amargar na solidão de nossas muralhas pessoais.

Foi assim que a visão clara dos embates que o exigiam a cada passo fez com que Ramon tomasse duas decisões pioneiras no sentido de derrotar o inimigo tenaz: fez construir sua casa com uma sala ampla, na qual podia estar confortavelmente com seus amigos, mas que se desdobra em uma sala de ensaios, na qual passou a realizar os trabalhos de encenação que se seguiram. Fez assim, de seu lar, um ambiente quase que completamente voltado para o fazer teatral, ao mesmo tempo em que aprofundava um hábito já antigo, de recortar, guardar, arquivar, de maneira sistemática, tudo que dissesse respeito às atividades artísticas realizadas por ele mesmo ou que o interessassem diretamente. O critério, ainda que pessoal, não reduz a importância da salvaguarda, podendo-se ver aí, e guardadas as devidas proporções, um reflexo brilhante e de muita semelhança com o trabalho portentoso realizado pelo professor Vicente Sales no sentido de preservar a memória musical paraense.

Artista plástico dotado de uma intensidade fulgurante, Ramon completou essa espécie de paraíso das artes em que transformou sua casa, com uma notável coleção das obras por ele realizadas, distribuindo-as nos diversos aposentos, colorindo as paredes com a criatividade que fazia dele uma pessoa inigualável. Enquanto pôde, ao que me consta, e pude presenciar isto nas muitas vezes em que trabalhamos juntos, cuidava de cada detalhe da encenação, usando sua capacidade de artista para se responsabilizar pela criação e execução de figurinos, adereços e cenários. Comprazia-se em desenhar pequenos croquis e depois transformá-los em objetos de cena, escolhendo os materiais que considerava mais adequados, recortando-os, com nossa ajuda, orientando a colagem ou a costura, decidindo-se pelo uso das cores, pintando cada peça com suas próprias mãos.

Tenho falado deste homem como Poeta porque acredito que a “pecha” lhe caiba muito bem, se é que me entendem, num lugar onde a Poesia luta para se manter viva e precisa redescobrir a cada dia os seus espaços. Num lugar onde a Poesia significa um complemento descartável aos assuntos mais assustadora e incompreensivelmente atraentes, como o quadro da violência generalizada ou os mediocres índices de desempenho esportivo. Um lugar onde a Poesia – aqui evidentemente tomada em sua significação mais ampla – representa um esforço de vida cotidiano.

Afinal, tratá-lo desse jeito não significa somente traduzir um aspecto de sua fecunda produção, voltada para a criação poética tradicional, com poemas escritos ao longo de toda a sua vida. Poemas que distribuía em forma de carinho aos amigos, fazendo deles seu mais precioso modo de presentear as pessoas que amava. Este labor lhe rendeu oportunidades e prêmios, sim, inclusive as oportunidades de aliar a poesia ao apaixonante teatro e de, à certa altura, escrever um longo poema, denominado “Aboio”, cuja estrutura, com seu caráter temático e revolucionário, mereceu o reconhecimento da Academia Paraense de Letras.

Não. Tratá-lo de Poeta requer o entendimento pleno de sua presença no mundo, dos motivos pelos quais se dedicou a tantas lutas, das estratégias de silêncio e quase devoção com que enfrentou tantas batalhas, da conformação exemplar com que venceu as dificuldades físicas, da decisão de fazer da poesia princípio e fim de cada uma das linguagens artísticas a cujo estudo e conhecimento se entregou.

Por isso faço agora o elogio do ator, cuja presença em cena dava a todos que com ele contracenavam a segurança necessária para um bom desempenho. Quero nesse aspecto destacar de propósito o personagem do Caolho, de sua peça “O Caolho e os Cegos” (1974), que poucos devem tê-lo visto interpretar, mas que para mim representou a primeira oportunidade, não só de ver Ramon Stergmann em cena, mas de contracenar com ele, o que para mim representa um momento único e inesquecível de realização artística. Vê-lo em cena podia ser uma experiência fascinante, sobretudo ao se entender como sabia desdobrar sua figura da cena, enquanto ator, para fora dela, enquanto diretor, alcançando invariavelmente resultados admiráveis. E é somente aqui que aceito dar ênfase a suas dificuldades físicas, e tão somente porque não representavam nunca um estorvo. Ramon encontrava, sabe Deus onde!, força, verve, alegria para superar o esforço de ser ator, com a disciplina à qual só os grandes conseguem se habituar.

Deixei para o final a menção à figura de Ramon Stergmann enquanto diretor de teatro. Seria justo esperar aqui um inventário da quantidade de trabalhos que realizou e, mais ainda, da qualidade de suas realizações. Vou evitar as duas coisas para dedicar o tempo restante à menção de apenas um de seus trabalhos, aquele que considero o mais inovador e revolucionário de todos.

Quando me chamou para trabalhar com ele, não mereci mais do que uma participação como contra-regra na montagem de “Os Gatos” (1973), um texto em que o Poeta já abordava com a maior consciência a problemática do trabalho escravo no Pará. Uma de minhas atribuições era produzir, no encerramento do espetáculo, uma cortina de fumaça, queimando a pólvora retirada de algumas bombinhas de São-João. Na estréia, uma coisa com a qual ninguém havia contado: a pólvora havia esfriado e a tentativa de riscar vários fósforos fez com que o tempo daquele “efeito especial” se perdesse, chegando com um pouco de atraso. A despeito disso, Ramon me guindou sucessivamente para outros cargos dentro do grupo, de ator a dramaturgo e diretor musical. Até que em 1980 selecionou um texto meu, “Leva Longe”, para dirigir.

Mas foi em 1981 que ele montou a preciosidade à qual me referi antes: tomou aquele texto poético premiado pela Academia Paraense de Letras, uniu-o a um outro texto poético que eu havia escrito, dividindo assim, comigo, a dramaturgia do espetáculo, e levou à cena algo inteiramente inesperado, a que denominou “Meu Berro Boi”.

Sua ousadia foi tratar dois grandes poemas isolados como um texto teatral único, fazendo o recorte dos versos como se fossem falas, para que fossem ditos à guisa de diálogos, num grande fingimento que demonstra o quanto Ramon Stergmann trabalhava esse jogo, essa ludicidade. Chamou quatro atores exemplares, Sidney Ribeiro, Romualdo Rodrigues, Miguel Marinho e Marquinhos Maranhão, que assinou a coreografia – na verdade concebida pelo próprio Ramon com a ajuda do coletivo do elenco – e me entregou a direção musical.

Mais uma vez, o Poeta burilou pessoalmente o figurino, a cenografia e os adereços. Era um espetáculo que trabalhava estas diversas linguagens de forma integrada e poética, sabendo ser inesperado, belo, contundente, alegórico e desconcertante. Tanto que, em Ponta Grossa, no Paraná (onde recebeu prêmio de Melhor Coreografia), um confuso crítico do festival, talvez sem perceber bem o que era aquilo diante de que se encontrava e tendo de escrever alguma coisa a respeito, reduziu-o insensivelmente a “o dançante ‘Meu Berro Boi’”. No meu entender, tanto o espetáculo quanto seu criador mereciam muito mais.

Em Belém, nesta época, escolhiam-se os melhores de cada ano, e embora fosse tempo de grande empolgação em torno do sucesso da montagem de “Ver de Ver-O-Peso”, “Meu Berro Boi” foi apontado como o melhor espetáculo. Uma escolha, não nego, que pode ser questionada a qualquer tempo, mas que considero, e preciso declarar isto, justíssima.

Faço, aliás, um outro parêntesis, já chegando ao final de minha fala, para me pronunciar, pela primeira vez publicamente (e com todo o respeito aos envolvidos), acerca da polêmica levantada, nos últimos anos, acerca da autoria do texto de “Ver de Ver-O-Peso”. Mas antes, peço licença à organização deste encontro e desculpas antecipadas. Não

existe a intenção de causar algum tipo de constrangimento, a quem quer que seja, ou de lhes moldar uma indesejável saia justa: é que se trata de uma oportunidade que não pode ser ignorada, visto estarmos tratando essencialmente aqui de dramaturgia, portanto, de direitos autorais, tema de uma discussão que se acha na pauta da cultura brasileira.

Pouco antes de morrer, Ramon me mostrou aquilo de que nem necessitava: um dossiê formado com recortes de jornais e outros documentos que o autorizavam e autorizam a se declarar autor dos textos originais de “Ver de Ver-O-Peso”. Se isso não bastasse, meu testemunho é insuspeito: eu acompanhei seu processo de escrita das cenas, num momento também inesquecível para mim, por causa inclusive dos inesgotáveis ciúmes que senti, vendo meu amigo escrever para um outro grupo que não aquele fundado por nós dois. Para saltar esta página, lhes digo: Ramon foi, sim, e gostava de ser o autor de “Ver de Ver-O-Peso”.

E agora, antes de encerrar, queria revelar a quem não sabe que nosso homenageado, sem nunca haver posto as mãos em um instrumento musical, era ainda por cima, um compositor sensível de delicados lundus marajoaras, os quais pedia aos amigos para harmonizar, de modo que pudéssemos cantá-los com o acompanhamento do violão.

“Barulho das ondas / das ondas do mar / meninas de tranças / contam lendas, luar / Cuidado, barqueiro / cobra grande vai te apanhar”. Assim diz uma de suas composições.

Não se tratava, como veem, apenas de reabrir estas feridas pessoais e deixar-se levar pela dor da separação ou da perda. Era preciso traçar esse breve painel, esse quadro talvez impreciso, mas carregado de carinho, de respeito, de admiração. Afinal, o amigo com toda certeza permanecerá intocado na lembrança de quem, como eu, partilhou o encanto de sua presença. Mas, pelo artista – e que se ouçam estas palavras como uma recomendação, mesmo – é preciso trabalhar sem descanso, ainda que isso represente abrir mão individualmente do seu legado, em benefício da sociedade como um todo, no sentido de lhe conceder o espaço merecido na memória de todos nós. E para que possam ser atendidas suas últimas palavras, as últimas palavras que tenho notícia terem sido ditas por ele, antes de partir: “Não deixem minha obra morrer”.

Notas

¹ Texto apresentado no II Seminário de Dramaturgia Amazônica, Belém, maio/2011.

² Dramaturgo, compositor, jornalista, ator, diretor teatral.